

Autoficção, duplo e Orientalismo em *Aziyadé*, de Pierre Loti

Camila Geovanna Alves da Silva*

Resumo: Este artigo aborda as relações entre forma, discurso e as dinâmicas de significação da ideologia colonial no livro *Aziyadé*, de Pierre Loti. Admitindo a forma da autoficção como um dispositivo literário que suscita a dúvida sobre a natureza do objeto estético, pautamos o debate deste estudo na maneira como os recursos formais da obra literária e as construções imagéticas e representacionais na composição narrativa corroboram os efeitos do discurso colonial-orientalista. Para tanto, recorremos aos estudos de Faedrich (2022) sobre as teorias da autoficção, e de Said (2007) e Bhabha (2013) sobre Orientalismo, discurso colonial e representações do sujeito subalterno.

Palavras-chave: Pierre Loti; Orientalismo; Autoficção; Discurso colonial.

Abstract: This article addresses the correlations between form, discourse and the dynamics of meaning of the colonial ideology in the book *Aziyadé*, by Pierre Loti. Admitting the form of self-fiction as a literary device that raises doubts about the nature of the aesthetic object, we base the debate of this study on the way in which the formal resources of the literary work and the imagery and representational constructions in the narrative composition corroborate the effects of the colonial-orientalist discourse. For that, we resorted to the studies of Faedrich (2022) on the theories of autofiction, and of Said (2007) and Bhabha (2013) on Orientalism, colonial discourse and representations of the subaltern subject.

Keywords: Pierre Loti; Orientalism; Autofiction; Colonial discourse.

* Graduanda em Letras (Bacharelado) pela Universidade Federal de Pernambuco. Este artigo é parte da pesquisa desenvolvida no meu Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pelo Prof. Dr. Lourival Holanda (UFPE) e coorientado pela Prof.^a Dra. Anna Faedrich (UFF).

1. Introdução

“Em todo romance bem redigido, a descrição do herói é imperativa” (LOTI, 2003, p. 8), declara Plumkett, “amigo de Loti”, ao introduzir o romance *Aziyadé* (1879).^{1, 2} A execução do conselho é um desafio árduo. O herói do romance ao qual Plumkett se refere é, ao mesmo tempo, inglês e turco; branco e não branco; ocidental e oriental; real, inventado e algo entre esses dois estatutos. À multiplicidade de características comportamentais e culturais se mescla a instabilidade da autopercepção identitária do herói, que, ao longo da composição, assume como seus os nomes Loti e Arif.

O romance *Aziyadé*, a princípio publicado anonimamente, é de autoria do oficial de marinha francês Louis-Marie-Julien Viaud, mais conhecido pelo pseudônimo por ele adotado, Pierre Loti. Em 1879, quando é publicado o romance, “Loti” designava tão somente o nome do personagem principal. É somente em 1881, na primeira edição de *Le roman d'un spahi*, que o nome Loti, precedido de Pierre, é indicado nas disposições paratextuais do livro, executando, com isso, a função indicativa do pseudônimo adotado pelo autor até o fim de sua vida (BORDEAUX, 1953, p. 30). Dessa forma, Julien Viaud, Loti e Pierre Loti são, os três, elementos constitutivos de uma entidade narrativo-autoral que, mesmo existindo em diferentes planos da criação literária, coexistem de forma indissociável no plano diegético da narrativa. À tal complexidade se amalgamam as múltiplas identidades assumidas por Loti ao longo de seus romances, a saber que, somente em *Aziyadé*, a entidade autor-narrador-personagem (A-N-P) se apropria de três diferentes nomes: Loti, Arif e Marketo.

Na configuração diegética que rege o romance *Aziyadé*, é possível identificar uma homonímia entre o nome do personagem principal da narrativa (Loti) com o nome adotado pela entidade autoral (Pierre Loti), o que nos leva a constatar uma construção semântica sugestiva, embora, através de informações extraliterárias, tomemos conhecimento de que a referida coincidência provém de uma relação intermediada pela pseudonímia. Ora, a adoção do pseudônimo não anula a experiência estética comum à leitura de textos autoficcionais, se considerarmos, conforme propõe Anna Faedrich (2022, p. 203), que a autoficção provoca “uma recepção contraditória” na experiência da qual um “jogo de contradições” é encetado a fim de confundir o leitor e borrar os limites entre real e ficção.

A esse respeito, no livro *Teorias da autoficção* (2022), Faedrich atenta para as compreensões dispostas por Manuel Alberca (2007), que defende que um texto autoficcional pode mobilizar reflexões sobre os limiares dos gêneros autobiográficos e autoficcionais ao serem proclamados romances ou autobiografias, impedindo, dessa forma, que a permeabilidade entre as fronteiras do real e do imaginado seja evidenciada. Semelhante fenômeno pode ser notado no romance *Aziyadé*, autoproclamado, pelo autor fictício do prefácio, um “excerto de notas e cartas de um tenente da marinha inglesa,

¹ No original: “*Dans tout roman bien conduit, une description du héros est de rigueur [...] ami de Loti*” (LOTI, 2003, p. 8).

² Todas as citações do livro *Aziyadé* foram traduzidas por mim.

inscrito ao serviço da Turquia no dia 10 de maio de 1876 e morto nos muros de Kars no dia 27 de outubro de 1877”, logo, “não um romance, ou, ao menos, é um que não foi mais conduzido do que a vida do seu herói” (LOTI, 2003, p. 8).³

Vale atentar para o fato de que algumas abordagens metodológicas concernentes ao dispositivo da autoficção propagam, intencionalmente ou não, a noção de que o referido dispositivo incide na forma literária como resultado de um processo criativo relacionado a expressões estritamente pessoais ou intimistas. Tal compreensão pode restringir a análise das correspondências entre vida, obra e reprodução ideológica, pois tende a reduzir a autoficção à prática da introspecção com certa medida de valor estético, e contribui para a impressão equivocada de que a autoficção é uma expressão individual, egocêntrica, narcísica e, conseqüentemente, desatrelada de aspectos políticos e ideológicos. Assim, a não articulação das propostas teóricas da autoficção ao fato de que todo discurso reproduz uma ideologia pode ocultar as implicações da proliferação da ideologia dominante nas narrativas literárias. Sobretudo aquelas que suscitam dúvidas acerca da natureza do objeto estético, como ocorre no processo receptivo da autoficção.

Tendo em vista que a vasta produção literária de Loti é majoritariamente ambientada nos países orientais e que as representações literárias desses espaços, assim como de seus habitantes, são cingidas pelo discurso colonial e frequentemente narradas por personagens protagonistas de características semelhantes às dos membros dos estratos dominantes da superestrutura, é compreensível que julguemos mais efetivos os estudos analíticos que consideram a repetição da referida superestrutura nos textos literários de Loti como um dos elementos principais da significação no objeto estético. Considerando que o discurso colonial que atravessa a prosa ficcional de Loti convive com práticas orientalistas de representação imaginativa, podemos entender o processo de desdobramento identitário (Viaud-Loti) como um dispositivo estético que permite a ocultação e/ou o desaparecimento do sujeito civil-autoral em um texto que produz uma clara ambiguidade entre as instâncias narrativo-autorais. Esse fenômeno mimetiza o processo de construção imagético-discursiva do espaço oriental, pois a representação do Oriente na prosa de Loti é uma forma de afastamento e deslocamento de uma “verdade” relacionada ao Oriente, se presumirmos, conforme postula Edward Said (2007), em *Orientalismo*, que o conceito por trás de tal verdade é o de que não há um “verdadeiro” Oriente, tampouco um referente definitivo e abrangente a ser representado.

No romance de Loti, essas dinâmicas orientalistas sobrevivem mediante a inserção da ambiguidade ou de uma pretensa posição favorável e empática da entidade narrativa em relação ao Oriente. Esse mesmo subtom positivo, quando considerado o contexto de elaboração produtiva da ideologia colonial em que está inserido, toma formas de tentativa

³ No original: “[...] *extrait des notes et lettres d'un lieutenant de la marine anglaise entré au service de la Turquie le 10 mai 1876 tué dans les murs de Kars le 27 octobre 1877 [...] point un roman, ou, du moins, c'en est un qui n'a pas été plus conduit que la vie de son héros [...] décrire au public indifférent ce Loti que nous aimions n'est pas chose aisée, et les plus habiles pourraient bien s'y perdre*” (LOTI, 2003, p. 8).

de mascaramento das relações de poder entre os espaços aparentemente opostos pelas formas hegemônicas de representação formalizadas no Ocidente. Nesse sentido, ainda que o Oriente figure em meio a um inventário de diferentes construções positivamente valorativas, o fato da relação de dominação e subalternização não é anulado, tampouco efetivamente diminuído. Ao contrário, ele perdura no pano de fundo da narrativa, das representações nela cunhadas e da experiência estética do receptor. Dessa forma, a ocultação ou a atenuação da superestrutura revela antes uma omissão consciente do que, de fato, uma tomada de posição favorável em relação ao espaço subalternizado, como, a princípio, parece fazer Loti-narrador ao propagar seu desprezo e seu “ódio a todos os deveres convencionais, a todas as obrigações sociais de nossos países do Ocidente”⁴ (LOTI, 2003, p. 88) em prol da ode ao espaço oriental em que pode usufruir da posição superior na escala da hierarquia de raça. Com isso, pelo fato de a estrutura textual orientar o fluxo dos sentidos, a atenuação da hierarquia e de sua inevitável presença nas dependências do texto literário é tendenciosa ao estar inserida em um dispositivo formal em que os limites entre real e fictício são imprecisos ou constantemente postos sob o princípio da dúvida.

Norteados pela compreensão de Edward Said (2007, p. 37), que afirma que “podemos compreender melhor a persistência e a durabilidade de sistemas hegemônicos saturadores como a cultura quando percebemos que suas coerções internas sobre os escritores e os pensadores foram produtivas, e não unilateralmente inibidoras”, propomos, nas páginas seguintes deste artigo, um estudo analítico do livro *Aziyadé*, de Pierre Loti. Versando o interesse de nossa análise sobre o emprego do dispositivo da autoficção como espaço de manifestação e possibilidade de elaboração, bem como de efetivação do discurso colonial, objetivamos atentar às marcas profundamente elaboradas e moduladas no espaço criativo-imaginativo da criação literária, que se perfazem no entre-lugar que vai da inevitável presença da superestrutura às representações da subjetividade dos entes dominante e dominado no texto literário.

2. O duplo oriental

Em *Aziyadé*, acompanhamos o relato de Loti, um oficial da marinha inglesa enviado a Istambul para exercer funções da campanha militar encabeçada pela Inglaterra devido a uma crise diplomática gerada pelo massacre de cônsules europeus no Oriente. É lá onde Loti conhece Aziyadé, uma jovem circassiana que habita um harém. Com a ajuda de Samuel, o criado que Loti emprega ao chegar no Oriente, Loti e Aziyadé iniciam uma relação afetiva. Instalando-se por tempo indeterminado em Istambul, onde se localiza o harém em que vive Aziyadé, Loti, “um cristão vindo do Ocidente” (LOTI, 2003, p. 65), passa a atender pelo nome de Arif e a adotar trejeitos, características, vestimentas, costumes e atividades praticadas pelos turcos. Em Istambul “o único lugar onde tal coisa poderia ser tentada” (LOTI, 2003, p. 69), Loti, vestindo “fez e caftan”, “brinca de *effendi*, como as crianças brincam com soldados” (LOTI, 2003, p. 43). Apesar de sua manifesta indiferença

⁴ No original: “[...] *haine de tous les devoirs conventionnels, de toutes les obligations sociales de nos pays d'Occident*” (LOTI, 2003, p. 88).

política, Loti expressa a certeza de se tornar turco, e reconhece que, na Turquia, “um dos mais belos países do mundo, [...] [sua] liberdade é ilimitada” (LOTI, 2003, p. 47).⁵

Na perspectiva de Loti, o Oriente parece se tornar o espaço físico onde as fantasias imaginativas e identitárias podem ser concretizadas, de maneira que o Outro e o ato de se tornar Outro parecem remeter a uma questão de possibilidade performática, de máscara, e não a uma questão verdadeiramente identitária. Assim compreendida, a performatividade da identidade turca revela a abertura de possibilidades para o sujeito que ocupa a posição superior na hierarquia de dominação e expansão coloniais, pois a assunção de Arif como desdobramento oriental de Loti enseja a humanização do Outro não branco pelo fato de Loti não sê-lo verdadeiramente. É por esse motivo que Loti e Arif, seu duplo oriental, têm sentimentos, vontades, lideram ofensivas, tomam decisões, adentram o Oriente e o abandonam, embora, ao optar pela partida, Loti renuncie à máscara de Arif.

A existência do Outro como máscara de um sujeito ativo também permite a fluidez e a transitividade de uma identidade à outra, se levarmos em conta que, para Loti, tornar-se Arif é sobretudo performar o “papel turco”, na execução do qual “por vezes, [ele] não [consegue] [se] levar a sério” (LOTI, 2003, p. 87).⁶ Nesse contexto, a performance do Outro, porque pautada na performance do estereótipo do papel turco e da suposta essência da vivência oriental, ocorre em função de uma pretensa fixidez que não permite conceber o Outro não branco como identidade, mas como falta, a saber, a falta daquilo que é exclusivo à identidade ocidental.

Se considerarmos, conforme propõe Bhabha (2013, p. 146), que o poder colonial é sobretudo exercido por intermédio das “figuras da farsa”, podemos identificar, na estratégia da mímica, aqui também identificada como desdobramento da identidade oriental, a emergência da performance do “Outro reformado” como um processo de recusa da diferença. Assim, a diferença se manifesta como um elemento cujo trato é ambivalente, ao mesmo tempo assumido e rechaçado, de modo que o desejo por ela se traduz pelo fetichismo que “dá acesso a uma ‘identidade’ baseada tanto na dominação e no prazer quanto na ansiedade e na defesa” (BHABHA, 2013, p. 114), mas também sob forma de recusa, pois apreendida como uma expressão identitária menos valorativa ou completa em relação à identidade ocidental.

Esse entendimento nos auxilia a traçar um possível porquê da incidência da identidade ocidental de Loti sobre seus desdobramentos orientais. É possível afirmar que a identidade oriental de Loti, no âmbito da narrativa, é, a princípio, um produto da construção consciente de uma alteridade representada como positiva, principalmente porque sua ocorrência não anula a coexistência da identidade ocidental. Se Loti parece reconhecer a correspondência da identidade oriental como perda ou falta, a performance do estereótipo

⁵ No original: “[...] *le seul endroit où pareille chose pût être tentée*” (LOTI, 2003, p. 69); “[...] *joue à l’effendi, comme les enfants jouent aux soldats*” (LOTI, 2003, p. 43); “[...] *un des plus beaux pays du monde, [...] [sa] liberté est illimitée*” (LOTI, 2003, p. 47).

⁶ No original: “[...] *rôle turc [...] par moments, [il] ne réussit plus à [se] prendre au sérieux*” (LOTI, 2003, p. 87).

lhe fornece a experiência do Outro não branco como encenação. Sob essa ótica de análise, uma possível assunção efetiva da identidade oriental de Loti pode representar uma perda dupla, notadamente em função da ameaça protagonizada pelo duplo. Isso porque, conforme compreende Clément Rosset (2008), o duplo desloca a unicidade do uno para ameaçá-lo e, assim, perturbar o referente identitário primário: no caso de Loti, a identidade ocidental. Mas também e sobretudo porque a performance do Outro racializado desfocaliza o limiar da identificação entre branco e não branco, superior e subalterno, de modo que o desdobramento oriental representa, por sua vez, a ameaça da perda da identificação com o sujeito ocidental e, conseqüentemente, da posição superior na hierarquia colonial da qual Loti se beneficia.

Pode ser esse um dos sentidos subjacentes da impressão de Loti ao afirmar, em uma digressão reflexiva: “Loti passa ao rés da orelha sob o turbante de Arif, e recaio como um tolo em cima de mim mesmo, com impressões sombrias e insuportáveis” (LOTI, 2003, p. 87).⁷ A ameaça da fluidez identitária que flutua entre ocidental e oriental se traduz, por fim, na impossibilidade de assunção do Outro sobre o Eu, de maneira que a convergência da condição colonial (que induz a entender a alteridade como perda) com o processo de desdobramento (que ameaça a integralidade do uno) se revela no cruzamento inevitável da perda e suas variações, uma das quais é a morte.

Firmada a correspondência entre duplo, perda, ameaça e morte, a digressão de Loti nos sugere fortemente que o receio da perda faz com que ele retorne constantemente à sua identidade ocidental, pois o desdobramento, quando não conveniente à manutenção ou prolongamento da vida do sujeito primário, se torna, por sua vez, uma ameaça de dissolução ontológica efetiva do sujeito real. Assim, a assunção de Arif como identidade verdadeira é manifestamente equivalente à dissolução de Loti, a ideia sendo expressa por ele ao afirmar: “Arif e Loti sendo dois personagens muito diferentes, bastaria, no dia da partida do Deerhound, que Arif ficasse em sua casa”, pois “sem dúvida ninguém viria procurá-lo lá; apenas, Loti teria desaparecido, e desaparecido para sempre” (LOTI, 2003, p. 87).⁸

Para o sujeito cujas possibilidades de se fazer Outro são possibilitadas pelo estatuto colonial, a volta para o duplo ocidental parece se perfazer como uma necessidade ou, mais provavelmente, como uma forma de proteção do refeirdo estatuto diante da ameaça provocada pelo desdobramento. É o que parece subjazer à seguinte declaração de Loti em carta a um amigo: “Ainda não sou um verdadeiro muçulmano, como você poderia supor no início de minha carta; apenas malabarizo duas personalidades diferentes, e sou ainda

⁷ No original: “*Loti passe le bout de l’oreille sous le turban d’Arif, et je retombe sottement sur moi-même, impression maussade et insupportable*” (LOTI, 2003, p. 87).

⁸ No original: “*Arif et Loti étant deux personnages très différents, il suffirait, le jour du départ du Deerhound, qu’Arif restât dans sa maison [...] personne sans doute ne viendrait l’y chercher ; seulement, Loti aurait disparu, et disparu pour toujours*” (LOTI, 2003, p. 87).

oficialmente, mas o mínimo possível, Sr. Loti, Tenente da Marinha” (LOTI, 2003, p. 94, grifo nosso).⁹

Se, no entanto, o ato de efetivamente se tornar o Outro se sobrepor à mímica do duplo oriental como performance, a justificativa da dominação colonial pela existência de uma suposta essência de raça pode ser desmistificada, pois semelhante fenômeno acarreta a admissão de que não há fatores metafísicos ou essencialistas intrínsecos do ser oriental, de modo que a suposta integridade da verdade do discurso colonial na composição narrativa é rompida. Dito de outra forma, tornar-se o Outro oriental e viver como ele sem que essa identificação ocorra mediante uma performance fantasista da alteridade implica explicitar a inexistência de qualquer essência, de toda e qualquer natureza, que diferencie corpos e subjetividades brancas e não brancas. E, nessa série de consequências, se revela a desmistificação da justificativa racializada da colonização e da hierarquia colonial que, ao conferir superioridade a Loti em função de sua raça, enseja os desdobramentos de Loti como o Outro não branco.

Nesse sentido, ao tornar-se Arif, a perda de Loti é dupla. É tanto a perda de sua posição, pois a justificativa para tal se revela infundada, quanto a da possibilidade de se tornar verdadeiramente um Outro, em qualquer circunstância, pois, para fazê-lo, seria necessário admitir a ilegitimidade de seu estatuto colonial, que, por sua vez, lhe confere a possibilidade de se autorrepresentar no discurso como sujeito cuja alteridade, porque, apesar de tudo, ocidental, permanece positiva e soberana. Dessa forma, a articulação representativa da diferença existe como produto do discurso feito sob forma de autoridade, pois a realidade oriental construída no âmbito da narrativa não é senão outra forma de mímica subjugada à prática da estereotipia do espaço dominado, fazendo que a diferença seja, ela também, um produto da autoridade colonial, e da possibilidade, garantida por ela, de representar. E de, na elaboração dessa representação, escolher a quem designa as características da fixidez (Outro não branco e oriental) ou, ao contrário, de dinamicidade (Uno branco e ocidental).

Tais ocorrências de perda e ausência coexistem com o sentimento de melancolia que persiste ao longo do romance. Para Loti, o mal e a melancolia remetem à constante presença da “morte na alma e o coração vazio” (LOTI, 2003, p. 58),¹⁰ e, conforme relata em carta a Plumkett, ao sentimento incessante de que “a hora presente é apenas um descanso de [seu] destino, que algo fúnebre sempre paira sobre o futuro, que a felicidade de hoje trará inevitavelmente um terrível amanhã” (LOTI, 2003, p. 120).¹¹ A ameaça do fim pressentida por Loti parece se concretizar com sua partida para a Inglaterra, pois desse evento depreende que “o Oriente acabou, o sonho está terminado. A pátria está diante de

⁹ No original: “*Je ne suis pas encore musulman pour tout de bon, comme, au début de ma lettre, vous pourriez le supposer ; je mène seulement de front deux personnalités différentes, et suis toujours officiellement, mais le moins souvent possible, M. Loti, lieutenant de marine*” (LOTI, 2003, p. 94, grifo nosso).

¹⁰ No original: “[...] *la mort dans l’âme et le cœur vide*” (LOTI, 2003, p. 58).

¹¹ No original: “[...] *l’heure présente n’est qu’un répit de [sa] destinée, que quelque chose de funèbre plane toujours sur l’avenir, que le bonheur d’aujourd’hui amènera fatalement un terrible lendemain*” (LOTI, 2003, p. 120).

nós; naquele pacífico Brightbury, me esperam com alegria. Eu também amo todos ali, mas como é triste esse lar que me espera” (LOTI, 2003, p. 188).¹²

A persistência do sentimento melancólico parece estar relacionada ao fato de que a existência, para Loti, se situa em um eterno entre-lugar. Permanecer no espaço oriental, dominado, sob a máscara do duplo, é estar sob a constante ameaça da perda de sua identidade ocidental e, conseqüentemente, do estatuto colonial. Da mesma maneira, voltar para o espaço dominante é tampouco uma solução. Lá, Loti, rodeado por seus semelhantes em raça e estatuto, se vê diante da impossibilidade de se tornar efetivamente um Outro, pois o Outro ocidental não é senão um igual, isto é, ele mesmo. Assim, a coexistência de dois estatutos dominantes anula a estrutura hierárquica que permite que Loti se torne Arif ou qualquer desdobramento sob a forma do duplo-oposto não branco resultado da relação binária de poder.

Se considerarmos os efeitos produzidos pela morte de Aziyadé diante da partida de Loti, é possível afirmar que, para Loti, a perda de Aziyadé pode mimetizar a perda do Oriente, isto é, a perda do eixo referencial com base em que a afirmação identitária do seu duplo ocidental se repousa. Orientados pelos entendimentos de Bhabha (2013), também é possível supor que, para o Loti, intercambiar e/ou fundir as identidades oriental e ocidental equivale a romper a fantasia da origem, para a qual a noção de pureza se revela como um dos principais elementos do conceito da raça e da racialização.

É compreensível, então, que Loti retorne à sua terra natal, à sua própria origem, ao se ver confrontado com a possibilidade de se tornar verdadeiramente turco, e, com isso, de renunciar à sua identidade ocidental, a origem estando igualmente presente nas justificativas fornecidas por Loti ao ser questionado por Aziyadé sobre suas motivações de não permanecer na Turquia, haja vista sempre remeterem a uma “velha mãe”. “Juro a ti, Aziyadé”, suplica Loti, “que eu deixaria tudo sem arrependimentos, minha posição, meu nome e meu país. Meus amigos... não tenho e não ligo para isso! Mas, veja bem, tenho uma velha mãe” (LOTI, 2003, p. 88). Aziyadé, enquanto órfã, não encontra na justificativa motivos suficientemente convincentes para a volta de Loti à terra de origem, pois, ao ver do narrador, Aziyadé “sente, por intuição, que ela deve ser somente uma velha mãe, ela, a coitadinha que nunca teve uma” (LOTI, 2003, p. 88).¹³

Mas a personagem da velha mãe, cujo nome é tão somente mencionado, não apresenta nenhum desenvolvimento subjetivo ao longo da narrativa, e aos leitores não é concedida a oportunidade de conhecer detalhadamente a relação que Loti cultiva com sua mãe. A velha mãe é um ente conhecido apenas por Loti e sua irmã, os únicos ocidentais que protagonizam a composição, o que nos leva a supor que sua inserção na justificativa da

¹² No original: “*C’est fini de l’Orient, le rêve est achevé [...] La patrie est devant nous ; dans ce paisible petit Brightbury là-bas, on m’attend avec bonheur. Moi aussi, je les aime tous, mais qu’il est triste ce foyer qui m’attend*” (LOTI, 2003, p. 188, grifo nosso).

¹³ No original: “[...] *Je te jure, Aziyadé [...] que je laisserais tout sans regret, ma position, mon nom et mon pays. Mes amis... je n’en ai pas et je m’en moque ! Mais, vois-tu, j’ai une vieille mère [...] sent par intuition ce que cela doit être qu’une vieille mère, elle, la pauvre petite qui n’en a jamais eu*” (LOTI, 2003, p. 88).

volta para o espaço dominante pode surgir como elemento metafórico da origem. Isto é, não somente da origem como alusão a um possível complexo edípico, mas também como o mito da origem que cria a raça e a insere como justificativa das dinâmicas estruturais de poder e dominação e, vinculado a esse mito, todo o inventário de elementos que posicionam o sujeito branco na ordem superior da hierarquia colonial. No espectro oposto, a orfandade de Aziyadé tomaria conotações alegóricas da ausência da proteção proporcionada pela mesma estrutura de poder que, ao contrário, a posiciona na escala inferior da hierarquia racial.

A omissão dos aspectos e características da origem de Aziyadé, em contraposição à devoção que Loti demonstra ter por sua velha mãe, também sugere o percurso que vai da representação do estereótipo oriental à inserção da noção de fixidez na prática da estereotipia. Semelhante processo de subjetivação parece almejar reiterar a suposta essência do ser oriental como um fator natural ou, ao menos, naturalizado desde que o Ocidente se reconheceu como espaço ditador da hegemonia global. Assim como o oriental que sempre “é”, no presente imutável e eterno ao qual se aplica a noção de fixidez, noção reforçada por Loti ao afirmar que “os Turcos *têm* amor ao passado, amor da *imobilidade* e da *estagnação*” (LOTI, 2003, p. 81, grifos nossos),¹⁴ à Aziyadé também não é atribuída uma origem, tampouco uma velha mãe alegórica ou concreta, a não ser pela menção de sua terra natal, a Circássia. Como o Oriente e como oriental, Aziyadé apenas *é*, no eterno presente. E o sentido desse ser fixo e imutável, já previamente formulado por todas as esferas da epistemologia ocidental, tal como aponta Said (2007), é reproduzido por Loti nas dependências do texto literário, no qual a representação de Aziyadé pode tomar proporções metonímicas do espaço e do sujeito orientais, ou simplesmente do sujeito oriental como não ser.

Uma vez que a racialização dos corpos humanos atribui maior humanidade e valor aos corpos considerados brancos sob pretensas justificativas que biologizam a diferença, um de seus efeitos principais é a desumanização dos corpos e das subjetividades não brancas. É essa desumanização que fomenta a regência do que Michel Foucault (1999, 2008) designa por biopoder, isto é, o poder da soberania condicionado a um contínuo biológico fragmentado pelo racismo, que consiste em poder fazer viver e deixar morrer. “Essa é a primeira função do racismo”, conclui Foucault (1999, p. 306): “fragmentar, fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder”, em cuja execução a raça é a condição para que se possa exercer o direito de matar e, por conseguinte, motivar, justificar e manter a incidência da alta letalidade imposta aos seres não brancos.

Embora seja verdade que pensamentos e digressões sobre melancolia e morte sejam feitas ao longo do romance, também é verdade que Loti morre somente ao assumir efetivamente a identidade oriental. Agora não mais regido pela proteção do estatuto colonial que garante uma posição favorável na escala do capital racial, Loti se insere, ele

¹⁴ No original: “*Les Turcs ont l’amour du passé, l’amour de l’immobilité et de la stagnation*” (LOTI, 2003, p. 81, grifos nossos)

também, no grupo alvo dos efeitos nocivos da biopolítica. Uma possível consciência em relação a tais consequências decorrentes da assunção da identidade oriental é sugerida por Loti ao escrever, em uma carta à sua irmã: “Enquanto eu conservar minha velha mãe querida, permanecerei em aparência o que sou hoje. Quando ela não estiver mais aqui, vou te dizer adeus, e depois desaparecerei sem deixar vestígios de mim mesmo...” (LOTI, 2003, p. 57).¹⁵ Aqui, a velha mãe pode novamente conotar o sentido da proteção proporcionada pela racialização dos corpos ao sujeito branco, bem como dos privilégios que lhe são deferidos pela expansão do pensamento e das políticas coloniais. Sua previsão se concretiza, com efeito, pois ao se tornar turco e renegar a velha mãe, seu desaparecimento final se concretiza na morte de Arif.

No fim do romance, sua composição cíclica se revela, pois o fim e o começo da narrativa compartilham a ocorrência de um mesmo evento: a morte. “Seis enforcados executavam, na frente da multidão, a horrível contorção final...”, relata Loti (2003, p. 9) no início do romance ao testemunhar os assassinatos encomendados pelos governos da Inglaterra e da França. “Os seis cadáveres, de pé, fizeram, até o anoitecer, a horrível careta da morte sob belo sol turco, em meio a caminantes indiferentes e grupos de moças silenciosas” (LOTI, 2003, p. 9),¹⁶ rememora o narrador. No capítulo final, a “horrível careta da morte” é performada por Loti, agora Arif, ao ser identificado “entre os mortos da última batalha de Kars”, como um “jovem oficial da marinha inglesa, recentemente contratado ao serviço da Turquia sob o nome de Arif-Ussam-effendi” (LOTI, 2003, p. 203).¹⁷

Ainda assim, para o olhar exterior e como forma indicativa da percepção exógena sobre Loti-Arif, o jovem identificado entre os mortos da batalha é, antes de tudo, um oficial da marinha inglesa, fato que repousa *sob* o nome de Arif. Subjacente à máscara, a despeito de qualquer identificação efetiva do sujeito que transita entre identidades duplas e opostas, a existência da identidade ocidental perdura e sobrevém às manifestações identitárias antitéticas, sejam elas efetivas ou teatrais. Na performance do duplo (Arif), recai a posição histórica em que se confere a eterna impossibilidade do ser plurívoco, isto é, de escapar das classificações que biologizam a diferença para, com isso, naturalizar a organização da hierarquia racialmente estruturada.

Frente à assunção efetiva, ainda que tão somente pessoal, da identidade oriental por parte de Loti e à impossibilidade do reconhecimento social da transição identitária, a percepção sobre o sujeito que morre é ambígua. Nos resta a pergunta: quem morreu na batalha de Kars: Loti ou Arif? No confronto entre o impulso individual de se tornar o Outro não branco e a raça como fator condicionante do espaço ocupado pelo indivíduo na hierarquia de raça, a pergunta permanece sem respostas.

¹⁵ No original: “*Tant que je conserverai ma chère vieille mère, je resterai en apparence ce que je suis aujourd’hui. Quand elle n’y sera plus, j’irai te dire adieu, et puis je disparaîtrai sans laisser trace de moi-même...*” (LOTI, 2003, p. 57).

¹⁶ No original: “*Les six cadavres, debout sur leurs pieds, firent, jusqu’au soir, la hideuse grimace de la mort au beau soleil de Turquie, au milieu de promeneurs indifférents et de groupes silencieux de jeunes femmes*” (LOTI, 2003, p. 9)

¹⁷ No original: “[...] *parmi les morts de la dernière bataille de Kars [...] jeune officier de la marine anglaise, récemment engagé au service de la Turquie sous le nom de Arif-Ussam-effendi*” (LOTI, 2003, p. 203).

Considerações finais

Em *Aziyadé*, o desdobramento identitário e as repetições nominais que constituem os efeitos de sentido comuns à autoficção são elementos que potencializam os efeitos da textualização da ideologia colonial-orientalista. Elaborado com os recursos imaginativos da ficção literária, o discurso colonial sobrevive nas entrelinhas sugestivas da tensão entre Duplo e Uno firmada pela impossibilidade da coexistência dos elementos antitéticos que constituem as identidades ocidental e oriental na composição narrativa. Nesse processo de construção e reconstrução discursiva, a ficção de Loti reinventa o Oriente e reproduz, pela mesma reinvenção, toda a gama de saberes construídos pela Europa em torno do espaço subalternizado, colonizado e alvo da dominação mirada ao acúmulo do capital.

É por esse motivo que considerar a presença da superestrutura representada no romance nos induz a identificar sentidos potencialmente ocultos ou conscientemente ocultados na representação da raça, que se revela como um dos eixos centrais ao ser repetida na dinâmica do desdobramento e nas relações interpessoais cultivadas por Loti. Ao fim do romance, o substrato do contato entre o Uno, o duplo e o Outro racializado não é senão a dissolução efetiva, concretizada na morte de *Aziyadé*, em decorrência da volta de Loti ao Ocidente, e na de Loti, erradicado na busca incessável pela concretização da projeção performática da raça e, nesse sentido, vítima da ética colonialista que ele mesmo executa, e da qual sucumbem os que são delegados a posições inferiores dentro da hierarquia colonial.

Como mimese das relações permeadas pela colonização, o contato entre Loti, na instância de Metrópole, e *Aziyadé*, como representação figurativa da Colônia, ao culminar na morte de dois seres orientais (efetivos ou performados) espelha o rasgo no tecido comunitário em função da incisão do elemento colonizador. Nesse sentido, a morte parece figurar sobretudo como indício de que a dominação colonial, além de material, é subjetiva, e que o poder outorgado pela colonialidade, além de imposto concretamente pela opressão física e moral dos seres subalternizados, é textualmente construído, reproduzido e reelaborado.

Inserido nas composições narrativas ficcionais, o discurso colonial, ao trabalhar a partir da repetição do mito fundador da raça e das linhas invisíveis que hierarquizam a alteridade, toma a forma de mimese da invenção, não tardando a ser, no processo de sua inserção no objeto estético, *uma ficção da ficção*. E é porque essa mesma ficção é um contrato imposto, oriundo da dominação autoritária de seus compactuantes, que Loti corrobora a noção da farsa ao declarar, sobre seus vizinhos turcos: “Sabiam que eu não podia me chamar Arif, e que eu era um cristão vindo do Ocidente; mas minha fantasia

oriental já não ofendia mais ninguém, e me chamavam, mesmo assim, pelo nome que eu escolhi” (LOTI, 2003, p. 65).¹⁸

¹⁸ No original: “*On savait bien que je ne pouvais pas m’appeler Arif, et que j’étais un chrétien venu d’Occident ; mais ma fantaisie orientale ne portait plus ombrage à personne, et on me donnait quand même ce nom que j’avais choisi*” (LOTI, 2003, p. 65).

Referências

ALBERCA, Manuel. *El pacto ambiguo: de la novela autobiográfica a la autoficción*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BORDEAUX, Henri. Julien Viaud et son pseudonyme Pierre Loti. *Cahiers Pierre Loti*, Paris, v. 1, n. 6, p. 29-31, nov. 1953.

FAEDRICH, Anna. *Teorias da autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LOTI, Pierre. *Aziyadé*. Paris: Calmann-Lévy, 2003. Obra em Domínio Público.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Recebido em 10 de dezembro de 2022

Aceito em 29 de janeiro de 2023